



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

‘Nós temos amor’: a micropolítica das emoções e o cuidado de idosos

Autoria: Fabio de Medina da Silva Gomes

Esta pesquisa resulta do work de campo que tenho empreendido para minha tese de doutorado. Ela tem como objetivo uma compreensão das relações entre a atividade econômica e o envolvimento íntimo nas práticas imbuídas de moralidade católica no cuidado de idosos. O work de campo é realizado em uma instituição católica no município de Niterói/RJ. Percebe-se como o discurso do amor mobiliza o work voluntário de cem pessoas - em sua maioria aposentadas ou pensionistas - além de uma certa quantia financeira, existindo assim uma estreita relação entre o cuidado e estes recursos. Esta combinação é possível mediante uma moralidade estabelecida naquele ambiente. Para compreender a problemática envolvida neste tipo de relação, quis me aproximar de uma instituição classificada pela Política Nacional do Idoso como ‘centros de convivência’. Por intermédio de uma amiga, eu conheci um desses espaços. Sabendo que o envelhecimento era meu objeto de estudo, ela disse que eu deveria ir à ‘Creche de idosos da igreja’ onde ela queria ‘colocar’ sua mãe. A denominação ‘creche’ é usada por alguns familiares dos idosos. Pouco tempo depois, descobri tratar-se de uma instituição católica, pertencente a uma fraternidade franciscana. Resolvi fazer observação participante nesse espaço que chamarei de ‘Casa’. Meus interlocutores pediram para que eu não revelasse nem seus nomes e nem o nome dessa instituição. Como referido, dedico especial atenção à circulação de valores nos cuidados dispensados aos idosos nessa instituição. Essa circulação é reiteradamente negada pelas lideranças da Casa. Existe um discurso muito articulado pelas lideranças: ‘as pessoas dão o quanto podem, e como nós não queremos dinheiro, o idoso é muito mais bem tratado do que em outras instituições.’ Nesse sentido, houve uma frase que me chamou atenção: ‘Aqui o idoso não tem cadeira que reclina, não temos ar refrigerado, mas nós cuidamos melhor do que em outros lugares, porque nós temos amor’. Esse sentimento ‘amor’ surge dentro de uma moralidade específica, a moralidade cristã, marcada pela devoção a São Francisco de Assis. A religião o apresenta como exemplo de homem que deu tudo que tinha aos pobres, sendo um símbolo da caridade na Casa. Por isso mesmo, a sua oração é



constantemente recitada. Trata-se, assim, de um articulado discurso sobre esse sentimento, demonstrando a sua capacidade micropolítica. Um discurso muito recorrente na Casa é o dinheiro como algo que contamina a ética do cuidado. Os voluntários não trabalham esperando alguma prestação como retribuição, muito menos uma retribuição financeira. O fato de serem uma instituição sem fins lucrativos é sempre colocado de forma positiva. Pretendo, assim, colocar em debate emoções e as sociabilidades desse contexto.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**